



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS



BRENO HENRIQUE DA SILVA TAVARES

**O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS
E A RACIONALIZAÇÃO DE EVENTOS ARBITRÁRIOS**

Serra Talhada

2023

BRENO HENRIQUE DA SILVA TAVARES

**O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS
E A RACIONALIZAÇÃO DE EVENTOS ARBITRÁRIOS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Antônio Feitosa Apolinário

Coorientador: Prof. Me. Paulo Henrique Raulino dos Santos

Serra Talhada

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T231g Tavares, Breno Henrique da Silva
 O Guia do Mochileiro das Galáxias e a racionalização de eventos arbitrários / Breno Henrique da Silva
Tavares. - 2023.
 31 f.

 Orientador: Jose Antonio Feitosa Apolinario.
 Coorientador: Paulo Henrique Raulino dos Santos.
 Inclui referências.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras, Serra Talhada, 2023.

 1. Guia do Mochileiro das Galáxias. 2. Eventos arbitrários. 3. Racionalização. I. Apolinario, Jose Antonio
Feitosa, orient. II. Santos, Paulo Henrique Raulino dos, coorient. III. Título

BRENO HENRIQUE DA SILVA TAVARES

**O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS
E A RACIONALIZAÇÃO DE EVENTOS ARBITRÁRIOS**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Unidade Acadêmica de Serra Talhada da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em: 04 de Maio de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Antônio Feitosa Apolinário (Presidente)

Prof. Me. Paulo Henrique Raulino dos Santos

Prof^a. Dr^a. Larissa de Pinho Cavalcanti

Dedico este trabalho àqueles que sabem
onde sua toalha está.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todos os envolvidos nesta produção, principalmente aos meus orientadores o Prof. Dr. José Antônio Feitosa Apolinário e o Prof. Me. Paulo Henrique Raulino dos Santos, que viram potencial na ideia e contribuíram grandemente durante todo o processo, me acompanhando de perto e fazendo as cobranças quando necessário e é graças a eles que apresento este trabalho.

Também, não posso esquecer do suporte que recebi de amigos e familiares, durante os momentos que desanimei, e a minha mãe, que mesmo sem saber me incutiu forças para continuar em cada momento difícil da minha graduação; e por falar em graduação, sou imensamente grato a Unidade Acadêmica de Serra Talhada - UFRPE e aos professores que tive imenso prazer em conhecer, que deram suporte e assistência durante minha estadia universitária, contribuindo não só com uma formação acadêmica, mas com uma formação crítica de qualidade.

A todos, minha sincera gratidão!

*“se eles não ficarem constantemente exercitando seus lábios
– pensou ele –, seus cérebros começam a funcionar.”*

Douglas Adams.

RESUMO

O presente trabalho, de caráter exploratório, faz uma exploração da obra *O Guia do Mochileiro das Galáxias* de Douglas Adams, tendo como objetivo observar como se apresenta a racionalização, que organiza os eventos arbitrários ali presentes, na construção de sua narrativa. Para isso, ele baseia-se principalmente em obras como *A Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer (1985) e *A Ideologia da Sociedade Industrial* de Marcuse (1973). Será também observado como aparece na obra relações com as ideias presentes na dialética do esclarecimento e analisado a arbitrariedade dos eventos sob a ótica da racionalização burguesa, buscando entender como essa é trazida no *Guia do Mochileiro das Galáxias*. Portanto, a análise segue em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, visto que, é por meio desta que se chega à conclusão afirmativa, pois, o guia do mochileiro traz em sua narrativa formas de racionalização burguesa, e os seus eventos se mostram arbitrários em decorrência dessa racionalização.

Palavras-chave: Guia do Mochileiro das Galáxias; Eventos Arbitrários; Racionalização.

ABSTRACT

The present work contains an exploratory character and makes an exploration of Douglas Adams' The Hitchhiker's Guide to the Galaxies, aiming to observe how the rationalization, which organizes the arbitrary events present there, is presented in the construction of his narrative. For this, he draws mainly on works such as The Dialectic of Enlightenment by Adorno and Horkheimer (1985) and The Ideology of the Industrial Society by Marcuse (1973). It will also be observed how relations with the ideas present in the dialectic of enlightenment appear in the work and analyzed the arbitrariness of events from the perspective of bourgeois rationalization, seeking to understand how this is brought in the Hitchhiker's Guide to the Galaxies. Therefore, the analysis follows a qualitative and bibliographical approach, since it is through this that an affirmative conclusion is reached, since the hitchhiker's guide brings in its narrative forms of bourgeois rationalization, and its events are shown to be arbitrary as a result of this rationalization.

Key words: Hitchhiker's Guide to the Galaxy; Arbitrary Events; Rationalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A RACIONALIZAÇÃO A PARTIR DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO.....	11
2. O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS E A RACIONALIZAÇÃO BURGUESA.....	17
3. ASPECTOS DA RACIONALIZAÇÃO NO GUIA DO MOCHILEIRO.....	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

O Guia do Mochileiro das Galáxias (a partir de agora mencionada como Guia do Mochileiro), do Britânico Douglas Adams¹, é uma trilogia de cinco livros que surgiu a partir de um programa do autor na rádio da BBC, em 1978. O presente trabalho analisa essa obra a fim de observar as motivações e mecanismos por trás da racionalização dos eventos que ocorrem na narrativa. Serão então observados diferentes pontos de mistificação desses eventos. Poderemos, por fim, observar nesta obra de ficção científica, conceitos abordados e explicados nas discussões aqui presentes.

Faz-se necessário a análise sob tal ponto de vista, uma vez que temos em obras ficcionais a expressão do pensamento humano de forma racionalizada com intuito de atrair leitores por meio de uma identificação. As obras de ficção científica, por vezes, ficam à margem desse raciocínio ao criarem uma realidade imaginativa àquela em que vivem os leitores. Contudo, queremos observar se esta questão é ou não verídica, uma vez que estaremos explorando a racionalização na obra, pois talvez essa racionalização não fuja ao humano.

Portanto, teremos em vista a análise da construção da racionalização a partir de eventos arbitrários na obra de Douglas Adams e, para isso, conceituaremos primeiramente o conceito de racionalidade a partir fundamentalmente da obra ***Dialética do Esclarecimento*** (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), e analisaremos os eventos arbitrários a partir da perspectiva da racionalização burguesa apresentada pelos autores. Ao fim desse percurso, esperamos concluir que os eventos mistificados funcionam como uma forma de esconder que eles são produtos da razão/vontade humana.

Diante do exposto, a pesquisa apresentada contém um caráter exploratório, buscando contribuir na ampliação de discussões, que tocam partes da literatura, pouco refletidas e pesquisadas no meio acadêmico (Unidade Acadêmica de Serra Talhada/ UFRPE). Notadamente, as reflexões presentes não se restringem apenas à

¹ Também famoso por escrever esquetes para o grupo *Monty Python's Flying Circus*, um grupo de comédia que revolucionou a comédia conhecida até então, se tornando inspiração para futuros programas de TV como por exemplo **Pânico na TV**, que foi um programa de tv muito popular no Brasil, estando no ar por nove anos e meio.

literatura de ficção científica, pois se trata de um tema amplo, podendo ser dirigida a variadas discussões dentro e fora da literatura.

Seguindo uma abordagem qualitativa e uma pesquisa bibliográfica, o trabalho busca se aprofundar em conceitos que são propostos na base teórica, a fim de afirmar ou não os expostos, tomando como corpus o primeiro volume da saga do mochileiro e trechos do segundo volume. Serão então apresentadas as discussões e reflexões presentes nas obras de Adorno e Horkheimer (1985); Marcuse (1973) e Santos (2018); tratando do conceito de racionalização a partir dos estudos desenvolvidos por filósofos da Escola de Frankfurt. No capítulo que se segue, será realizado o aprofundamento em temas que tomamos para análise, que são baseados na racionalização e inicia-se a análise da obra em questão utilizando-se de personagens, eventos e trechos da obra escolhida, no terceiro capítulo, apresenta-se a relação entre os eventos escolhidos da obra com as reflexões apresentadas, junto às reflexões realizadas, trazendo os resultados que se chega com a pesquisa; e então na conclusão, retoma-se os pontos principais do trabalho, apresentando as inferências gerais e finais da pesquisa.

Ressalto aqui que iremos analisar majoritariamente o primeiro volume do Guia do Mochileiro das Galáxias, pois, os leitores que se aventuram nos próximos livros, vão se deparar com criaturas que quebram essa barreira de similaridade com humano, uma vez que Adams não poupa sua criatividade ao pensar “fora da caixa”. E utilizaremos ainda de trechos do segundo volume O Restaurante no Fim do Universo, o qual se torna necessária a nossa análise.

1. A RACIONALIZAÇÃO A PARTIR DA DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO

*Scientia potentia est*². Este conceito é muito difundido como uma sabedoria, que remonta ao inglês Francis Bacon (1561-1626). Uma coisa é fato, a relação entre poder e conhecimento é muito estreita; como retoma Adorno e Horkheimer “[...] a superioridade do homem está no saber” (1985, p. 19) uma vez que se entende a superioridade como a imposição do poder, principalmente, quando observada no sistema hierárquico das relações humanas.

A racionalização parte do princípio de que, enquanto criaturas racionais, estamos presos em ciclos de descoberta e redescoberta que perpassam a história dos seres humanos nos mais diversos níveis. De início, observamos que no contato com o desconhecido, a humanidade sente medo e, para apaziguar esse medo do que é desconhecido, busca formas de “assimilar” essa parte nova do mundo por meio de incorporação com o que já é parte de seu conhecimento prévio. Em outras palavras, o sujeito atribui características de si próprio ao que é desconhecido, para que este, a partir de então, faça parte de seu universo familiar e não seja mais uma parte obscura. Essa ideia acaba por criar mitos nas mais diversas sociedades, como é mencionado por Santos (2018, p. 8):

Mesmo a mais remota aldeia autóctone criou seu próprio panteão divino e, partindo dele, idealizou o mesmo movimento de “racionalização” da natureza comum às demais, por um lado, visando sua compreensão, e por outro, estabelecendo seu próprio mecanismo de assenhoreamento desse objeto.

Com isso, é previsível que se chegue à conclusão de que todo o conhecimento se reduz a processos sociais, pois são estes processos que definem tudo e qualquer coisa que se chegue à luz do conhecimento. Não importa com o que se depare, uma vez que tiver o intuito de descobrir a verdade, o investigador sempre irá se deparar com o sujeito em sua resposta, porque tudo que é ou acontece, é inevitavelmente captado por essa unidade.

Neste caminho, Adorno e Horkheimer (1985) discutem de forma exploratória, a racionalização a partir dos mitos, que nos diz sobre as explicações de como surgem os mitos gregos, que serve também de base estrutural a outros mitos e eventos históricos que tocam o conhecimento de mundo dos homens de séculos

² Conhecimento é poder

antes de Cristo ou mesmo de tempos modernos, com filosofias e crenças em mudança e questionamento constante, se tornando assim um processo contínuo. O mito surge como uma expressão do medo que se materializa após a racionalização do evento: um raio cai, mas o pensamento humano parte do pressuposto de causa/consequência; o raio é expressão de algo terrível, a ira de alguém em primeiro momento, um deus, pois o evento não seria possível por um humano.

Quando se racionaliza ainda mais o evento, o objeto passa a outro grau, o raio não é mais o próprio deus, ele é a ferramenta; logo, ele pode ser controlado (desde que se tenha poder para tal). O deus fica com raiva e se vinga lançando raios. Com isso, o evento pode ser evitado (desde que não irrite quem domina o evento). Mas, com o avanço das sociedades transforma-se a ciência e a tecnologia, o homem inconformado busca mais explicações, pois o mito não responde a tudo e a investigação científica, outra forma de racionalização, acaba por encontrar as novas respostas e questões, pois o ser humano na ânsia de dominar o evento, não se cansa de investigar até tomar o poder para si. Isso quer dizer que a ciência responde aos desígnios de um grupo social específico, sob a falsa promessa de imparcialidade, pois esconde ali sua parcialidade, fruto da sua mistificação, parecendo conclusivo que a ciência manifesta uma espécie de poder que não é claro à primeira vista.

Esse controle não é exercido de maneira transparente, mas sim burocraticamente, segundo a racionalidade própria da burocracia que se chama, na linguagem de Horkheimer e Adorno, "instrumental": trata-se de uma racionalidade que pondera, calcula e ajusta os melhores meios a fins dados exteriores ao agente (NOBRE, 2004, p. 51).

Podemos, a partir de então, observar o racional das sociedades principalmente ocidentais. Outrora houve a dominância da fé sobre a razão, que tenta reger o pensamento e reprimir a racionalização, no intuito de limitar o conhecimento, como ocorreu na igreja católica no período medieval, emblemático evento de caça às bruxas, quando se queimou e julgou toda e qualquer coisa ou pessoa que ia além do conhecimento que a igreja conhecia e permitia. Outra racionalização que também permeia a sociedade se apresenta com a predominância da investigação científica, que busca justificar os eventos em uma ou várias bases teóricas construídas com base na racionalidade e justificativa científica. Não é por

menos que existem tantas teorias nas mais diversas áreas do conhecimento na atualidade, uma vez que esta forma se difundiu e avançou nos últimos séculos.

A *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer (1985), nos diz que dentro da ciência há um esquema de substituição, todo e qualquer elemento pode ser trocado por outro, ou seja a substituição de elementos é recorrente de forma que nada é fixo, são apenas exemplos, um elemento X pode ser substituído por um elemento Y com o intuito de se ter novas realizações, mas não somente como um substituto:

Nela [a ciência] não há nenhuma substitutividade específica [...]. A substitutividade converte-se na fungibilidade universal [...] como um espécime da matéria, e a cobaia atravessa, não em substituição, mas desconhecida como um simples exemplar... (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 25).

Logo, podemos imaginá-lo como um padrão fixo, no qual se altera apenas os elementos, esse modelo se instala principalmente no meio acadêmico, por exemplo, se começa escolhendo um elemento (mulher), depois seleciona um outro elemento para relacionar (visão) e depois escolhe-se uma problemática para unir os elementos (sociedade), por fim tem um tema, a mulher vista pela sociedade, e a partir desse tema busca-se fazer uma pesquisa para se chegar a uma conclusão. Nesse esquema pode-se substituir qualquer um dos três elementos por incontáveis outros. Na literatura por exemplo, isso não deixa de ser sentido, seleciona-se o amor (elemento 1), escolhe um período passado (elemento 2), e brigas de família (problemática), temos um romance de época, e se trocar o elemento amor, por tragédia teremos então um drama. Claro que aqui estamos reduzindo a temas centrais e não a tudo que estes gêneros e temas abarcam, pois o intuito aqui é notar que cria-se um esquema de roleta, sempre trocando temas e elementos por outros, e perceber o quanto fica mais difícil acrescentar novos elementos ao pensamento, pois na racionalidade científica tende para a simplificação, como método de controle, então quanto menos elementos melhor. Adianto que Douglas Adams por muitas vezes não cai nessas delimitações uma vez que traz elementos diversos para sua obra.

Essa forma sistemática de se pensar cientificamente, foi normalizada e estabilizada com os avanços da ciência e da tecnologia a partir do século XVIII, e se intensificou no século XIX e XX com o surgimento de incontáveis teorias, fórmulas e

sistemas. No campo da arte e da religião, fica convencionado que estas estabelecem e obedecem a um domínio próprio, ou seja, suas leis são particulares e vão reger o que acontece depois, pois esta reclama o status de absoluta enquanto estiver dentro de seus domínios. No que diz respeito à arte, ela vê a sua representação mimética do mundo questionado, bem como o seu valor de conhecimento reduzido, uma vez que ela representa apenas uma parcela do que se conhece sobre o objeto no qual é inspirado, restando a essa criar suas próprias leis para dar conta, refazer ou mesmo contornar o que falta.

Lançando vista sobre a racionalização em um panorama geral, Adorno e Horkheimer (1985) nos mostram que o ser humano tem uma constante necessidade de justificar o seu mundo em um esquema de causa e consequência que finda em um ciclo presente nos sistemas que o sujeito cria, e que resultam em uma hierarquia de controle expondo uma perspectiva que sempre vai exercer a vontade de um sobre a vontade de outro, um lado que domina e outro que é dominado, um elemento que age e outro que sofre uma ação. Quando o sujeito transforma o raio em um Deus, ele cria uma justificativa para quando o raio cai: o Deus está furioso com algo, e o raio se torna a consequência. A partir daí, cristaliza-se o fenômeno, ao mesmo tempo em que o que outrora era natural passa a ser controlado pelo próprio ser humano.

O sistema de hierarquização permeia todas as classes da sociedade, pois o pensamento científico, aquele que é aceito como válido, parte sempre de um sujeito/grupo com poder que detém meios para defender sua ideia. Nesse sistema, ter voz é essencial, uma vez que são os meios que decidem o que é ou não válido, mesmo quando este se esconde na falsa ideia de que todos podem, que nada mais passa de pequenas exceções à regra, “na imparcialidade da linguagem científica, o impotente perdeu inteiramente a força para se exprimir, e só o existente (o que já tinha lugar) encontra aí seu signo neutro. Tal neutralidade é mais metafísica do que a metafísica.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 35). Essas exceções serão usadas como mote para manter o sistema funcional e validado, estruturando-se, por exemplo, através da falsa imagem de democracia e voz das minorias, uma vez que a realidade não se estrutura dessa forma. Se tornando claro a partir desse momento, que a racionalização é burguesa, pois essa é quem tem voz para ditar as regras.

Partindo dessa ideia é possível observar na obra *A Ideologia da Sociedade Industrial*, de Marcuse (1973), a submissão da verdade ao indivíduo, pois é uma pessoa que analisa a verdade, e a partir de então, esta ideia passa a ter um julgamento de valor, ou seja, esta verdade carrega o ponto de vista de quem a determinou como verdade. Pensando que é nessa base que o pensamento humano se firma, quando alguém reflete e concebe algo e passa aos outros como um absoluto, não se torna muito diferente do que ocorre com o mito, aonde se passa adiante a interpretação de alguém sobre eventos ocorridos (eventos como símbolo de história/passado).

Ao retornarmos um pouco nossa discussão para a afirmação inicial de que conhecimento é poder, temos na obra de Marcuse a declaração a respeito da conexão entre conhecimento e poder firmando sua relação, "...o conhecimento das 'causas primeiras' é [...] o conhecimento mais eficiente e certo, pois dispor sobre as causas é dispor sobre seus efeitos. Em virtude do conceito universal, o pensamento atinge domínio sobre os casos particulares." (MARCUSE, 1964, p. 136-137). E esse fundamento da lógica formal nos apresenta o preço que o controle nos impõe, o preço de cair em abstrações do pensamento e determinar coisas baseadas em nada mais que sinais ou símbolos fungíveis (que diz respeito a não materialidade do que realmente são as coisas), determinando apenas aquilo que pretendemos tornar útil.

Ao se dispor a dominar determinado conhecimento, o sujeito deixa de lado o todo que engloba a constituição do objeto, e foca naquilo que seu conhecimento de mundo consegue processar e assimilar, a fim de torná-lo útil para si. Pois é mais fácil dominar pelo que conhecemos e diferenciamos em contrapartida a tudo que a coisa representa, encontrando mais facilmente especificidades e determinando fins. Não à toa inúmeros objetos, conceitos e pensamentos carregam o nome ou são majoritariamente lembrados pelo nome do sujeito que o "descobriu/racionalizou/descreveu" (ou qualquer outra denominação que seja equivalente), este por sua vez ao explorá-lo estará sempre com o pensamento no que é igual ou parecido com o que já existe em seu universo "particular" (particular por que cada ser é constituído de um ser social e outro individual).

No entanto, o que resta para observar quando todo o mundo existente já é, ou foi, pensado e repensado ao longo de todo o tempo da sociedade humana? A resposta pode ser dada de duas formas opostas e ao mesmo tempo

complementares, mas que levam à nossa perspectiva atual do pensamento pós-moderno. Primeiramente, nada mais pode ser conhecido, pois tudo já foi pensado e tudo é fruto de algo já existente no homem formado em uma sociedade conectada, que tem uma organização que não permite grandes mudanças e tudo já é previamente determinado pelo contexto social (mas não apenas). “A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 26). Desta forma diz-se que tudo há de ser uma novidade, pois tudo está lá para ser repensado, visto novamente com olhos diferentes. Na visão positivista o mundo se torna uma enorme vitrine de ideias e conceitos prontos para serem trazidos à luz do conhecimento, partindo do indivíduo como protagonista social.

Por conseguinte iremos explorar, analisar e nos aprofundar na obra O Guia do Mochileiro das Galáxias, segundo a perspectiva da racionalização apresentada até aqui.

2. O GUIA DO MOCHILEIRO DAS GALÁXIAS E A RACIONALIZAÇÃO BURGUESA

Em O Guia do Mochileiro, Adams traz um humor irreverente, ironizando a sociedade e suas manias, nos fazendo refletir o social, em simultâneo, nos leva a mergulhar na nossa imaginação a partir de acontecimentos surpreendentes e improváveis. Carregando predominantes características do gênero literário de ficção científica, expõe-se na obra a presença e interação do distanciamento e cognição, e cujo dispositivo principal é um enquadramento imaginativo alternativo ao ambiente empírico do autor, interação mencionada por Suvin (1988, p. 37). Com isso, já podemos esperar, de antemão, cenários e eventos distintos do vivido e experienciado pelos indivíduos da Inglaterra na década de 1970. Porém, como a obra carrega características da forma estrutural de romance, o leitor é levado a momentos de paralelismo com o ambiente comum.

Entender a obra é entender também que ela foi produzida em um contexto pós-moderno com o “boom” da cultura *pop*³, momento que, segundo as palavras de Santos (1987), se dá quando o homem se desfaz das ilusões e sabe que não existe um céu para ir, e a história (da humanidade) não faz mais sentido, e por fim o indivíduo se entrega ao momento e ao individualismo, cabendo a este escolher entre ser uma criança radiosa ou um androide melancólico. E essa escolha que recai sobre o indivíduo é invariavelmente pautada nos ideais individualistas, se entregando à luxúria do momento e voltando-se para a satisfação de suas próprias necessidades. Em se tratando, por exemplo, um indivíduo desenvolvido, que é sedutor e não se prende a uma identidade fixa, estaremos diante do que seria a criança radiosa, e por outro lado quando falamos do indivíduo que é indiferente ao que ocorre ao seu redor e que não apresenta sua história, não se engaja na sociedade, estaríamos frente ao que seria o andróide melancólico.

A narrativa do Guia do Mochileiro, conta as aventuras de Arthur Dent e seu amigo Ford pelo universo. Arthur é um personagem singular, mas que, em geral, não é mais que um homem comum vivendo na Inglaterra. Tudo começa quando ele descobre que o planeta terra vai ser totalmente destruído, por seres de outro planeta

³ “De maneira mais ampla, a ideia de *pop* sempre esteve atrelada a formas de produção e consumo de produtos orientados por uma lógica de mercado, expondo as entranhas das indústrias da cultura e legando disposições miméticas, estilos de vida...” (SOARES. T., 2014 p. 2).

(Os Vogons), escapando por pouco junto a Ford (seu amigo de outro planeta), ao pegarem carona em uma das naves que passavam por ali, que por sinal, era dos vogons. A partir daí, Dent luta para processar a chuva de informações e perceber que sua realidade agora é outra. Momentos únicos e inimagináveis são vividos pelos protagonistas, que se aventuram pelo universo com amigos que fazem pelo caminho.

Observamos que, na obra de Adams, a relação burguesa não é deixada de lado, permeando toda a narrativa, dos contextos menores, afetando apenas uma personagem, até os maiores, quando sociedades inteiras são atingidas. Segundo o que propõe Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, nada do que capta a atenção do sujeito foge de sua racionalização, ou melhor, sua dominação, se estabelece aí uma relação de poder. Como mencionado anteriormente, apenas uma parcela da sociedade detém voz e posição de estabelecer o que é ou não aceitável no pensamento. Vejamos que é a elite da sociedade que detém os meios e o poder para controlar a racionalização que chega a base da sociedade, essa racionalização a que nos referimos aqui se torna por todas as vias, burguesa.

Vejamos que, por exemplo, no Guia do Mochileiro, a forma como os Vogons aparecem estabelece uma relação direta com os métodos burocráticos burgueses, sendo essa relação comum ao ser humano, sendo os processos não necessariamente impostos, mas inevitáveis ao sujeito, pois esse seria diretamente "inferior". Mais adiante na narrativa, vemos que os Vogons não são uma raça tão superior assim, pois estes não são evoluídos, se tratando da evolução da espécie (partindo do modelo evolutivo de Darwin), e por isso são retirados os seus méritos, pois, nada fazem além de seguir ordens.

Quando os vogons pela primeira vez saíram dos mares primevos da Vogsfera e foram arfar nas praias virgens do planeta, quando os primeiros raios do jovem e forte Voegol os atingiram naquela manhã, foi como se as forças da evolução houvessem simplesmente desistido deles e se virado para o outro lado [...] Nunca mais os vogons evoluíram: não deviam sequer ter sobrevivido. (ADAMS, 2016, p. 33)

Ou seja, o poder reside em um lugar ainda mais distante, em sociedades ainda mais superiores à raça dos vogons. O que expõe a raça vagon, como socialmente engajada, uma vez que fazem parte desse sistema político galáctico.

Porque a racionalização é burguesa se estamos cercados de várias possibilidades de intervenção, e supostamente contribuímos com novos

descobrimientos e novos modos de pensar? Porque seria burguesa quando lidamos e utilizamos todos os meios de comunicação? (Os mesmos meios que a burguesia supostamente utilizaria). Este se torna um questionamento válido, pois vejamos, se lidamos com todos esses aparatos tecnológicos de comunicação, por que não poderíamos produzir o mesmo que a burguesia?

A burguesia nos últimos séculos estabeleceu um sistema burocrático, onde o sujeito tem o exercício de sua cognição limitada pela exposição repetitiva de máximas preestabelecidas (SANTOS, 2018). E isso vai se dar em resultado aos efeitos dos próprios meios de comunicação, sendo positivos e negativos à medida das possibilidades de divulgação. Sendo, portanto, o indivíduo resultado das comunicações de massas ao qual são expostos repetitivamente, estes mecanismos em alguma medida são manipulados e controlados pela sociedade burguesa, de forma que muito dificilmente o sujeito consegue se desvencilhar dessa cadeia. Se tornando possível exemplo disso, na predisposição de comunidades inteiras a serem induzidas a realizarem atos baseados em propagandas manipuladas e divulgadas nas TV 's, rádios, e mais recentemente na internet.

Essa uniformização da comunicação pela burguesia funciona tendo em vista estabelecer uma racionalização pautada em uma política fundamentada naquilo que se valida socialmente e ideologicamente, muitas vezes resgatando crenças antigas e reafirmando aquelas que vêm sendo ou se tornam expostas regularmente nas mídias. Assim, na obra sempre encontraremos as perspectivas burguesas, as formas de racionalidade burguesa, nunca se apresentando algo totalmente distinto da nossa própria sociedade, e isso se dá não só nas personagens que são alienígenas, mas reproduzem características morais e psicológicas humanas, como também nos eventos que ocorrem, que parecem controlados por uma lógica neutra universal, mas que, são produtos das vontades dos sujeitos. Os vogons, que até então utilizamos de exemplo, são um bom exemplo dessa representação de como funciona a difusão burguesa, pois neles vemos a predisposição a não pensar, não questionar e a seguir aquilo que está exposto em um emaranhado burocrático, como diz o guia do mochileiro das galáxias:

Seriam incapazes de levantar um dedo para salvarem suas próprias avós da Terrível Besta Voraz de Traal sem antes receberem ordens expressas através de um formulário em três vias, enviá-lo, devolvê-lo, pedi-lo de volta, perdê-lo, encontrá-lo de novo, abrir um inquérito a respeito, perdê-lo de

novos e finalmente deixá-lo três meses sob um monte de turfa, para depois reciclá-lo como papel para acender fogo. (ADAMS, 2016, p. 37)

Os vogons não utilizam de criticidade, apenas do que é exposto, nesse sentido é fácil ligar esses a uma influência da racionalidade burguesa, eles são expostos sempre a uma burocracia que devem seguir, quando essa não existe se tornam incapazes de fazer qualquer coisa, que é uma crítica aos métodos burocráticos e a quem os executam. Ao utilizar de paródias satíricas, característica do autor, estabelecendo uma ligação entre os vogons e o burocrata, que parte de, “retratar a humanidade de uma forma exageradamente clara sem ofender diretamente aqueles criticados” (CALEGARI; BOFF, 2014, p. 321). Sendo óbvio perceber após esse momento quão ineficiente, absurdo e exagerado são alguns dos processos que o pensamento burocrata impõe a tarefas simples, seja divulgar sobre um projeto de desvio ou sobre salvar a vida de sua avó.

E para elucidar ainda melhor como esses e outros pontos de análise se apresentam na obra, iremos agora voltar a atenção para os pontos de análise propostos, a fim de ver em cada um deles, diferentes formas de construção da racionalização.

3. ASPECTOS DA RACIONALIZAÇÃO NO GUIA DO MOCHILEIRO

Para falar de arbitrariedade, levamos em conta que, segundo o dicionário de Língua Portuguesa (MICHAELIS, 2008), diz respeito a não seguir normas nem regras, então esse se configura como um modo de agir que não se baseia em uma justificativa, que pode ser considerado um ato casual e facultativo. Contudo, as análises que se seguem, observaremos que o ato de arbitrariedade se apresenta na construção da narrativa, pois a seleção de personagens, eventos e todas as sociedades ali presentes, não seguem um padrão comum, se tornando assim arbitrário em decorrência dos rumos que a trama segue.

No guia do mochileiro, um dos primeiros grandes eventos apresentados é o da demolição da terra por Vogons (uma raça de seres que vêm de outra parte da galáxia), neste momento podemos criar uma relação direta entre o evento e a demolição da casa de Arthur. Primeiro, ele acorda e descobre que sua casa vai ser demolida para dar espaço a uma via expressa; algumas horas depois, descobre que o planeta todo vai ser destruído pelo mesmo motivo. Indo do problema menor ao maior, o que começa com uma cena cômica do protagonista tentando defender sua casa, e apresentado em seguida o mesmo problema em uma escala muito maior.

Saímos da realidade fatídica de um personagem, para o mesmo destino a todos os humanos da terra, a perda de sua única casa em benefício de outros, que nos são alheios. Podemos notar também o quão expressiva é a ineficiência da burocracia, como uma crítica às organizações sociais que se baseiam nesse modelo de estrutura. Nesse momento, “percebe-se o quão exageradamente o autor ressalta a ineficácia da publicidade e as limitações da burocracia exagerada, criticando a incapacidade da informação atingir a parte interessada na realização do procedimento.” (CALEGARI; BOFF, 2014, p. 321).

Então nós somos apresentados aos Vogons, quando partimos para o evento mais amplo, que trabalham para um conselho de planejamento do hiperespaço galáctico, e para desenvolver as regiões periféricas da galáxia, portanto a terra, como já havia sido avisada, seria a próxima a ser removida do caminho, situação paralela à casa de Dent. Neste momento vemos uma disparidade de poder entre os humanos e os vogons, pois estes usam de um sistema de som inimaginável pelos humanos até aquele momento. Outra forma de superiorização dos demolidores é

quando percebem que os humanos estão em choque, dizem que essa surpresa é injustificável, mostrado neste momento sua indiferença com estes, pois os planos do projeto estão há cinquenta anos terrestres em alfa centauro, há apenas quatro anos-luz dali, então é culpa dos terráqueos nunca terem se dado ao trabalho de ir lá.

- Esta surpresa é injustificável. Todos os planos do projeto, bem como a ordem de demolição, estão em exposição no seu departamento local de planejamento, em Alfa do Centauro, há 50 dos seus anos terrestres, e portanto todos vocês tiveram muito tempo para apresentar qualquer reclamação formal, e agora é tarde demais para criar caso.

[...]

- Como assim, nunca estiveram em Alfa do Centauro? Ora bolas, humanidade, fica só a quatro anos-luz daqui! Desculpem, mas se vocês não se dão ao trabalho de se interessar pelas questões locais, o problema é de vocês. — Após uma pausa, disse: — Energizar os raios demolidores. (ADAMS, 2016, p. 27)

Notamos aí a burocracia presente nas relações, partindo do pressuposto que este ato burocrático parte de uma relação de poder, onde uma parte detém poder e valida um meio burocrático, sem se importar se as outras partes são ou não capazes de usufruir de tal, restando apenas aceitar. Por fim, acredita-se que o imposto é inevitável, a destruição do planeta, pois por meio da racionalidade parece que essa parece ser inevitável, mas que, na verdade, é fruto da vontade de um grupo, justificada a partir de argumentos racionais.

Estabelecendo assim uma hierarquia, quem está mais próximo do topo, passa a ditar o que quem está em categorias abaixo vai ou não fazer, e quando se trata de algo importante, é restringido o acesso para que não haja discussão, como foi o caso dos dois projetos de construção de via presente nesse primeiro evento. Outro ponto que temos contato é a humanização dos seres de outros planetas, retratados com algumas diferenças, mas normalmente recaindo em características humanizadas, como a forma de pensar, e principalmente, a forma como esse seres se apresentam que, apesar de terem duas cabeças, quatro braços, entre outros, conseguimos imaginá-los a partir do corpo humano. Ou seja, dada a forma de racionalização do ser humano burguês, somente podemos imaginar essas outras civilizações a partir de nossas próprias características. E é por causa dessas características humanas e burguesas que se apresentam, que a obra, ainda que seja de ficção científica, consegue criar uma atmosfera de verossimilhança com a percepção de mundo do leitor.

Ao voltarmos nosso olhar para como se estabelece o poder na obra de Douglas Adams, este é primeiramente representado por uma personalidade, mas logo em seguida descobrimos que não é exatamente ali que ele realmente se manifesta, sendo esta personalidade apenas uma figura que tem a função de desviar a atenção de onde de fato o poder vai estar. No universo criado por Adams, existem apenas seis seres que conhecem onde o poder reside, e mesmo esses quase ninguém conhece, nem a nós leitores é dito.

O presidente, em particular, é simplesmente uma figura pública: não detém poder. Ele é aparentemente escolhido pelo governo, mas as qualidades que ele deve exibir nada tem haver com liderança. [...] Não cabe a ele exercer o poder, e sim desviar a atenção do poder. (ADAMS, 2016, p. 28)

Nesses parâmetros, vemos o guia do mochileiro tentar estabelecer um sistema de funcionamento que é semelhante ao que ocorre na política monárquica; contudo, percebemos que esse sistema não é inédito, ele é algo que já se desenrola na perspectiva do mundo moderno. Vejamos, por exemplo, que o poder dos presidentes dos países vai até encontrar com outros poderes políticos. E isso se repete no Guia do mochileiro, pois há sempre uma similaridade entre as relações humanas presentes ali com as quais vivemos diariamente, e por essa relação ser tão basilar às inúmeras outras, a construção de um sistema inédito a nós seria não apenas muito difícil, como também significativo, no que diz respeito a forma racionalizadora do pensamento. Dentre outras coisas, percebemos que, na obra quando se trata de traçar como seria um sistema galáctico, ela não prioriza fugir ao sistema comum ao humano, pois estabelece uma relação crítica com esta.

Até aqui notamos que, o guia do mochileiro não traz tantas inovações ao pensar em outras sociedades, o que ele faz é ampliar de forma exagerada, e a partir do processo de racionalização, aspectos e pensamentos da própria sociedade burguesa, levando à máxima suas críticas e reflexões.

Retomando ao lugar do poder, Adams retoma essa relação na sociedade, realizando um paralelismo ao sistema político inglês. Pois, quando falamos de Zaphod Beeblebrox, o presidente da galáxia, estamos falando da figura perfeita para exercer o papel de marionete política, este com suas características que em nada retoma a uma competência política, mas que para uma quase totalidade é ele quem vai exercê-la prontamente.

Marvin é um dos personagens mais icônicos ao qual somos apresentados, ele é um robô de última geração, que dispõe de uma característica muito singular a PHG (Personalidade Humana Genuína), vejamos aqui que a personagem foi construída em outro planeta, que motivação ela teria para ter uma personalidade humana e genuína, a não ser baseado numa arbitrariedade narrativa, que se consolida em um pensamento racional? Não apenas isso, trata-se de um androide melancólico e mal-humorado, que garante um tom reflexivo à narrativa, que liga o personagem ao movimento pós-moderno, como discutido por Santos (1987), sendo o robô aqui entendido a partir de um dos extremos apontados pelo autor: indiferente; sem história e profeta do apocalipse.

Nesse personagem temos um ápice de um tipo de raciocínio, portanto essa característica vai ligar-se à construção presente no pensamento humano, assim, é possível ver no Marvin como um personagem para nos lembrar que, como afirma Adorno e Horkheimer (1985), não há nada de novo sob o sol. Representando na obra, as expressões que têm na sociedade burguesa da classe trabalhadora, uma coisificação a partir da qual não se espera emoções ou desejos (ou seja, mais uma vez, o processo de racionalização tenta sempre dar a forma que a burguesia quer ao mundo). Vejamos como esse personagem aparece inicialmente:

- ... Ô Marvin!

Sentado no canto, o robô levantou a cabeça subitamente, porém em seguida ficou balançando-a ligeiramente. Pôs-se de pé como se fosse uns dois ou três quilos mais pesado do que era na realidade e fez um esforço aparentemente heroico para atravessar o resso. Parou à frente de Trillian e ficou olhando por cima do ombro esquerdo da moça.

- Acho que devo avisá-los de que estou muito deprimido - disse ele, com uma voz baixa e desesperançada. (ADAMS, 2016, p. 58)

Nesse momento, Marvin já expressa sua PHG, que carrega uma certa desesperança, característica de sua melancolia, marcando assim sua negatividade com tudo o que pode acontecer. E percebemos também que esse robô não só carrega uma criticidade a respeito de sua função social, como fica completamente indignado com as outras máquinas que cumprem seus papéis com suavidade, sendo o caso das portas, na nave coração de ouro, são todas alegres e bem humoradas, pois, sabem que fizeram um bom serviço ao abrir e fechar.

Marvin, sente que suas capacidades não são aproveitadas devidamente, e se mostra constantemente subestimado, os outros em relação pouco dão importância, pois utilizam o Marvin apenas para coisas básicas e nada além disso, e podemos

fazer referência, a partir disso, ao processo de racionalização, quando Adorno e Horkheimer dizem que, buscamos das coisas apenas aquilo que nos são úteis. Veja como prossegue o diálogo mencionado acima:

- Bem - disse Trillian (...) -, então vou lhe dar uma coisa pra distrair a sua cabeça
- Não vai dar certo - disse Marvin. - Minha mente é tão excepcionalmente grande que uma parte dela vai continuar se preocupando.
- (...)
- O que quer que eu faça?
- Vá até a baía de entrada número dois e traga os dois seres que estão lá, sob vigilância.
- (...)
- Só isso? - perguntou ele.
- Só... (ADAMS, 2016, p. 59)

Findando por mostrar-nos como é clara essa relação, entre quem dá a ordem e quem a executa, para Trillian não importa o quão a mente de Marvin é capaz de realizar coisas absurdas, apenas para o que ela pode usá-lo.

O guia do mochileiro (objeto presente na obra), é antes de tudo um guia para quem deseja se aventurar no espaço, para isso conta inúmeras páginas que falam detalhadamente tudo que existe no universo (opa, ou não). Primeiro ponto que podemos abarcar é, o guia do mochileiro tem por objetivo lançar vista para tudo que seja necessário ao viajante, e isso levanta algumas problemáticas de como ele dá conta de todo esse conhecimento? Não dá, apesar de dizer que sim. A forma que, os editores do livro, contornam essa questão é dizendo que este é antes de tudo o livro mais completo sobre o universo, e que contam com vários mochileiros viajando para coletar mais informações.

O livro é não apenas uma obra extraordinária como também um tremendo best-seller - mais popular que a Enciclopédia Celestial do Lar, mais vendido que Mais Cinquenta e Três Coisas para se Fazer em Gravidade Zero, e mais polêmico que a colossal trilogia filosófica de Oolong Colluphid, Onde Deus Errou, Mais alguns Grandes Erros de Deus e Quem É Esse Tal de Deus Afinal? (ADAMS, 2016, p. 8, grifos do autor)

Nesse sentido, podemos ligar essa ideia do guia como algo onde se encontra todo o conhecimento necessário, com a ideia de esclarecimento, algo que lança vista a algo com o intuito de conhecer, mas não só isso, é uma forma de tomar o conhecimento para si e controlar o fluxo o que vai ou não a público. Pois, o guia é um dos livros mais vendidos na galáxia e as informações que chegam dos mochileiros, são revistas e é publicado apenas o que é conveniente, expondo um conhecimento parcial e o distribuindo como completo para a massa.

Até aí podemos observar o caminho da racionalização nesse objeto, do momento que ele busca tomar para si um conhecimento sobre o universo, até o momento que ele utiliza esse conhecimento para lucrar. E quanto mais ele tenta dar conta do seu objeto, mais ele começa a se distanciar do seu objeto, veja que ele trata de coisas muito importantes e complexas, como funciona o peixe-babel, e não só isso, traz também as implicações filosóficas que este traz com sua existência; e também traz informações aleatórias⁴, e até de onde encontrar as melhores bebidas alcoólicas e até como fazê-las, apresentando um passo a passo minucioso, o que retoma que o guia não foge a publicações intencionadas, pois ele também vende bem mais que a Enciclopédia Galáctica.

Quando observamos ele se distanciar desse centro de interesse, observamos que, o interesse por detalhes diminui, veja que quando ele vai retratar o planeta terra, que é um planeta da periferia da galáxia, ele a descreve em uma única palavra “inofensiva” e numa edição posterior, após Ford Prefect tentar alterar essa informação, se torna “praticamente inofensiva”. E o conhecimento começa a se distanciar em seu propósito, o que não faz parte de um fim útil é descartado do livro, até que se chega em um ápice da racionalidade, quando ela se fecha nela mesma.

O guia reclama o estado de guia definitivo, e com isso ele diz que onde ele está errado, ele está no mínimo muito errado, e que em caso de total discrepância, sempre será a realidade que não pegou o jeito, pois, na verdade:

O guia é definitivo. A realidade está frequentemente incorreta (...). Isso tem tido consequências interessantes. Por exemplo, quando os editores do Guia foram processados pela famílias daqueles que tinham morrido por terem levado ao pé da letra o verbete sobre o planeta Traal (esse verbete dizia: “As Bestas Vorazes de Traal frequentemente fazem para os turistas uma boa refeição”, em vez de “As Bestas de Traal frequentemente fazem dos turistas uma boa refeição”), eles alegam que a primeira versão da frase era esteticamente mais agradável, intimaram um poeta qualificado para declarar, sob juramento, que beleza é verdade, verdade é beleza, e esperaram assim provar que o verdadeiro culpado no caso era a própria Vida, por deixar de ser ao mesmo tempo bela e verdadeira. Os juízes concordaram e, num discurso comovente, sustentaram que a própria Vida era um desacato àquele tribunal e confiscaram-na prontamente de todos os presentes antes de saírem para uma agradável partida de ultragolfe noturno. (ADAMS, 2016, p. 151)

A verdade alcançada pelo guia é tão cerrada em si mesma, que até a vida ao contradizê-la é um desacato, e aí retomamos que a ideia de que quando a

⁴ “O Guia do Mochileiro das Galáxias é uma obra organizada de modo um tanto caótico e contém diversos trechos que foram incluídos simplesmente porque na hora os organizadores acharam que era uma boa ideia.” (ADAMS, 2016, p. 90)

racionalidade se fecha sobre si própria, ela começa a combater tudo que foge ao que ela determina como racional, chega por fim ao ponto de romper com o que é previamente determinado, e assim ela se separa do que pode trazê-la de volta para a realidade. Promulgando como consequência a anarquização do saber, pois a partir desse momento, não há mais uma lógica para essa razão.

Em se tratando de arbitrariedade, na obra de Adams, não há coisa mais arbitrária que a resposta para a grande Questão a Vida, o Universo e Tudo Mais, sendo “42”. Essa resposta, põe em evidência não só a crítica a lógica científica, mas também mostra os processos de divulgação dessa, por exemplo, quando o grupo de cientistas descobrem que a resposta não é o que esperavam, eles de pronto começam a bolar estratégias e pensar soluções que se adequem a resposta obtida, para vendê-la ao grande público que se uniu para descobrir a resposta.

Tudo começa quando, seres pandimensionais projetam um supercomputador “Pensador Profundo, o segundo maior computador do Universo do Tempo e Espaço” (ADAMS, 2016, p. 101), no intuito de descobrir a resposta para a Vida, o Universo e Tudo Mais.

- Ó Pensador Profundo, a tarefa que lhe cabe de assumir é a seguinte: queremos que nos diga... - fez uma pausa e concluiu: - ... a Resposta!
- A Resposta? - repetiu Pensador Profundo. - Resposta a que pergunta?
- A Vida! - Exclamou Fook.
- O Universo! - disse Lunkwill.
- E Tudo Mais - exclamaram em uníssono. (ADAMS, 2016, p. 102)

Aqui, podemos ver que eles chegam na máquina com o intuito de saber a resposta, não sabem bem do quê, mas querem uma resposta, e desejam ser uma resposta simples. Aqui, notamos o quanto se esquecem os meios para se chegar ao fim, e chega-se a um resultado nada satisfatório, porque, quando não se tem uma questão bem definida, a resposta pode e vai variar, mas o resultado que se tem aqui é arbitrário, como a resposta para a Vida o Universo e Tudo Mais, pode ser 42? Se não partindo da arbitrariedade do próprio computador, uma vez que, quando questionado nem ele próprio sabe a pergunta, e se ele não sabe a pergunta como ele chegou na resposta? Teria ele reproduzido os mesmos passos que os seus criadores, de contornar a pergunta e ido direto a resposta? Isso não saberemos nesse volume, tudo que sabemos é que se tem uma resposta sem uma pergunta.

Em acordo com a racionalização esse evento evidencia que, há uma predisposição a reduzir as questões, para se chegar a fins cada vez mais rápidos, o que leva por vezes à exclusão de parte do processo, que também é importante e não é dispensável. Voltando ao esquema de roleta presente no primeiro capítulo deste trabalho, apresenta-se necessariamente pelo menos, dois elementos para se ter um resultado, o que não ocorre no questionamento feito ao Pensador Profundo, e teria então um outro problema que surge em consequência de uma resposta sem contexto, qual o elemento que antecede a resposta? Ou melhor, qual a pergunta para a Vida, o Universo e Tudo Mais, cuja resposta é 42?.

A resposta ser tão inusitada é um choque para Fook e Lunkwill, que são os descendentes dos seres que criaram o pensador profundo, pois espera-se uma resposta que seja útil, que responda aos questionamentos filosóficos que atravessam as sociedades durante sua existência, por esse motivo em seguida pensasse em forma de adaptar uma pergunta para aquela resposta, pois não há como dizer a todos que a resposta é apenas dois números. Vejamos que aqui assim como ocorre com o evento anterior, o guia do mochileiro das galáxias, tem-se um filtro do que chega ao consumidor, mas o que no guia é controlado pelos editores, na resposta esse controle está no Pensador Profundo, é ele quem decide a resposta simples. Por não ser satisfatória, investe-se outra vez, questionando a pergunta, e ele trabalhará para encontrar e dar a resposta (pergunta), em suma, o trabalho que no guia pertence aos mochileiros de exploração e aos editores de seleção do que expor, no processo de racionalização da resposta a Vida, o Universo e Tudo Mais, pertence ao Pensador Profundo.

A resposta por fim, coloca essa racionalização em um ponto mistificado, não é possível alterá-la, pois nela reside a verdade, sendo a partir dela que o papel de Fook e Lunkwill passa de mediadores da resposta, a ser de adaptar uma pergunta, pois aquela resposta é inalterável apesar de insatisfatória.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Douglas Adams constrói um universo extremamente rico, a sua escrita é inovadora ao adicionar elementos novos em narrativa de ficção científica, como a comédia e ironia, além de trazer fortes críticas a sociedade e características dessa. Apesar de brevemente, conseguimos ver sua habilidade ao condensar em poucas linhas humor e crítica em uma sagacidade notória.

Notamos que, partindo para o âmbito da racionalização, o autor não foge ao padrão, replicando a expressão do pensamento humano em suas personagens e sociedades não humanas, sendo comum observar as crenças, pensamento ou mesmo referência ao *Homo Sapiens*, ao qual seria o ideal não haver. Isso, no entanto, não é negativo nem prejudicial a sua obra, pois concluímos, que é através desse elemento que o autor consegue estabelecer ligação com o público leitor, ou seja, não é uma realidade imaginativa que destoa do meio em que esse vive, é a realidade criada que é racionalizada a partir de perspectivas que é familiar ao leitor.

Observamos, através da análise, como os eventos mistificados, presentes no Guia do Mochileiro, funcionam e se expressam através de uma racionalização burguesa, escondendo-a em sua construção, que são fruto da razão e/ou vontade humana. Validando assim a que, as obras de ficção científica também podem ser exploradas na crítica literária, sob um viés de teorias do campo filosófico (aqui da racionalização), que rotineiramente se destinam apenas a obras que não incluem esse gênero da literatura.

Com isso, infere-se que com o trabalho desenvolvido, abre-se espaço para trabalhos posteriores, não só com esse direcionamento crítico, mas principalmente com esse gênero, sendo normalmente entendido como de nicho (pertencente ao mundo nerd e geek), que é extremamente rico como qualquer outro.

REFERÊNCIAS

ADAMS. D. O Guia do Mochileiro das Galáxias. *In*: ADAMS. D. **O Guia Definitivo do Mochileiro das Galáxias**. Tradução: Carlos I. Costa; Marcia H. A. Gonçalves; Paulo H. Brito. São Paulo: Arqueiro, 2016. p. 7-127.

ADORNO. T. W; HORKHEIMER. M. O Conceito de Esclarecimento. *In*: ADORNO. T. W; HORKHEIMER. M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 19-52.

CALEGARI. C; BOFF. S. O. **A Burocracia Humana em Douglas Adams**. Passo Fundo, RS: Kathársis. 2014.

MARCUSE. H. Pensamento Unidimensional. *In*: MARCUSE. H. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 123-187.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

NOBRE. M. **A Teoria Crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

SANTOS, Jair Ferreira. **O que é pós-moderno**. Coleção primeiros passos, São Paulo, v. 165, 1 jan. 1987.

SANTOS, P. H. R. **Mito do Herói e Massificação Cultural em Um Jogo De Tronos**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau de Ferros, 2018.

SOARES. T. **Abordagens Teóricas Para Estudos Sobre Cultura Pop**. Rio de Janeiro: Logos, 2014.

SUVIN. D. **Positions and Suppositions in Science Fiction**. Londres: Macmillan, 1988.